

Santa Leocádia de Pedra Furada

FURADA, orago Santa Leocádia, era uma das freguesias do Padroado do Mosteiro beneditino da Várzea, passando, depois da sua extinção, para o Convento de São João Evangelista de Vilar de Frades.

Em 1441 o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra uniu Pedra Furada a este convento, ficando desde então o seu Reitor a apresentar o pároco com o título de cura.

Sobre a origem do nome desta freguesia não há opinião assente.

O Padre António Gomes Pereira nas «Tradições Populares» páginas 377 diz : « Pedra Furada — No Adro da Igreja está, segundo me informam, uma pedra com um furo no meio. Talvez seja obra moderna para explicar a origem desta freguesia».

É certo ainda lá existir essa pedra furada metida de topo na terra.

Corre na tradição que foi tampa de sepultura de uma santa que fora enterrada viva e que, na sua resistência à morte e pela força das suas muitas virtudes, levantando a cabeça, furou a pedra, tal qual se vê.

Esta lenda talvez tenha origem no facto, narrado em vários agiológios, de Santa Leocádia, santa espanhola,

martirizada em Toledo no ano de 300 da era cristã, ter saído da sepultura.

Assim o conta o « Pantheon Sacro» de D. Joaquim de Azevedo a pág. 446: « Foi vista sair da sepultura a dar os parabéns a Santo Ildefonso, por ter defendido com seus escritos a pureza da Virgem Mãe. Martyrol. Rom. 9 Dez».

Qual porém a relação que há entre aquela pedra e a origem do nome desta freguesia não a sei.

Virá o nome da freguesia da pedra que se encontra no Adro da Igreja ou seria esta ali colocada para atestar aquele nome?

A Igreja Matriz desta freguesia, situada ao lado da Estrada Municipal, é de construção antiga e pequena, proporcional ao tamanho da freguesia, que não é grande.

A facear com o frontispício, do lado da epístola, ergue-se um modesto torreão, com dois sinos, cuja obra é muito mais moderna do que a da Igreja.

Primitivamente tinha por cima da fresta principal uma sineira, encontrando-se a sua pedra arrumada no Adro.

Esta Igreja de estilo pobre está porém limpa e asseada, tornando-se digno de se ver o baptistério, simples mas com arte.

À entrada do Adro, do lado da Igreja, quase em frente desta, está a Residência Paroquial, hoje abandonada.

Junto a esta estava uma pequena sepultura de pedra que, por iniciativa do senhor António Augusto da Silva, foi há anos colocada no Museu Municipal de Barcelos.

Há duas capelas nesta freguesia:

A Capela de Nossa Senhora de Monserrate no lugar do mesmo nome, hoje pertencente ao senhor Justino José Leitão.

A Capela da Senhora das Brotas, é antiga e está entregue ao culto.

O Padre António Carvalho, na sua Corografia Portuguesa, vol. I, pág. 281, diz que nesta freguesia existia no alto do monte a *Ermida de São Vicente*, onde no dia de São João se festejava o santo e ali iam *clamores* das freguesias vizinhas.

Há os seguintes Nichos ou Alminhas: o do Carvalho, o de Chouzelas, o da Pitosca, no lugar do Sardoal, e o da Portela.

O painel destas últimas, quase apagado, foi atravessado por uma bala, cujo vestígio ainda hoje se vê.

Conta-se que, quando por aqui passaram os franceses em Março de 1809, um soldado do seu exército, irreverente e iconoclasta, disparara, à falta de melhor alvo, a sua espingarda contra estas alminhas.

O Cruzeiro Paroquial esteve antigamente no lugar do Sardoal mas foi demolido há anos, sendo construído o actual no lugar do Assento, junto à Estrada Municipal.

O Cemitério, ainda que mais antigo, tem sobre o seu portão a data — 1930.

Esta freguesia, situada em planície, na bacia orográfica do rio Este, é banhada pelo riacho que nasce junto à Capela da Senhora das Brotas e vai juntar-se ao ribeiro Codade, afluente daquele rio, e é atravessada, de norte a sul, pela Estrada Municipal n.º 5 de Barcelos às Fontainhas, e, de nascente a poente, pela de Courel que parte desta no lugar do Assento. Confronta pelo norte com a freguesia de Pereira, pelo nascente com a de Goios, pelo sul com a de Gual e a de Courel e pelo poente com a de Vilar de Figs.

A sua população no século XVI era de 22 moradores; no século XVII era de 43 vizinhos, no século XVIII era de 65 fogos; no século XIX era de 249 habitantes e pelo último censo da população é de 298 habitantes, sendo

142 varões e 156 fêmeas, sabendo ler 57 homens e 16 mulheres.

Tem Escola Oficial que funciona em edifício próprio.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados; Rua Nova, Real de Cima, Real de Baixo, Assento, Carvalho, Chouzelas e Sardoal.

As suas casas mais importantes são: a dos Castros Farias, a do Sardoal, a do Carvalho e a dos Ferreiras.

Tem caixa do correio, uma loja de mercearia e uma Fábrica de moagem e serralharia.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Salgueiro, a do Carvalho, a do Alves e a de Castilhão.

O citado Padre Carvalho diz na Corografia Portuguesa que nesta freguesia, junto à Ermida de São Vicente, havia uma fonte a quê chamavam *das Virtudes* por em suas águas os enfermos acharem remédio para os seus achaques se nelas tomassem banho na manhã de São João.

Pelo visto só nesse dia essas águas tinham virtudes terapêuticas. Ainda assim, se em qualquer outra ocasião não causavam sezões ou febres paratífoides a quem as bebesse, não se podia dizer que eram más.

Dos homens mais ilustres, que nasceram nesta freguesia ou cujos nomes andam a ela ligados, destacaremos os seguintes:

Dr. José Joaquim Figueiredo de Faria, natural desta freguesia, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Deputado da Nação por várias vezes, casou em Vila do Conde, onde recebeu em sua casa o rei D. Luís I em uma das suas visitas ao norte.

Carlos de Castro Figueiredo de Faria, filho do antecedente, seguindo a carreira diplomática, foi Secretário da nossa Embaixada em S. Petersburgo, Londres e Rio de Janeiro, servindo nesta última capital por vezes de

Encarregado de Negócios. Faleceu em França e jaz no cemitério desta freguesia.

Dr. Joaquim Álvares da Silva, natural desta freguesia, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, escritor jornalista, foi Administrador do Concelho em Barcelos, Famalicão e Fafe e Conservador do Registo Predial na comarca de Mondim de Basto.

Para atestar a passagem por aqui de povos que viveram na idade da pedra polida e do bronze, tão distante desta nossa da electricidade e do rádio, há, de que eu tenho conhecimento, a descoberta de um machado de pedra em uma bouça pertencente ao Ex.^{mo} Senhor António Augusto da Silva, distinto Preparador de Física na Universidade do Porto, que este senhor ofereceu a seu tio o Ex.^{mo} Senhor Visconde da Fervença e a de um machado de bronze, a que se refere o «Minho Pitoresco», cujo desenho estampou, quando se refere a esta freguesia.

Os benefícios de electricidade já cá chegaram, pelo menos a casa do meu bom amigo Dr. José de Castro Figueiredo de Faria que é toda iluminada àquela luz.